

VISÃO DO CORREIO

Barbárie contra as brasileiras

O retrato da violência contra as mulheres no Brasil ganhou uma atualização na última semana. E o cenário é devastador. Pelo quarto ano consecutivo, o país bateu recorde em casos de feminicídio. Em 2025, foram 1.571 episódios registrados, em um aumento de 4% em relação a 2024, quando houve 1.504 ocorrências. Os dados fazem parte do Anuário da Segurança Pública, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Os números não deixam dúvida: vivemos em um país que odeia mulheres. A cada dia, quatro brasileiras perdem a vida pelo simples fato de serem mulheres. No intervalo de 10 anos, a frequência de feminicídio aumentou em uma proporção gravíssima. Esse delito foi tipificado em 2015 na legislação brasileira. Desde então, até o ano passado, os casos de feminicídio mais do que triplicaram. Passaram de 449 registros para as 1.571 ocorrências identificadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em parte, essa curva ascendente se deve à maior precisão no registro policial, que passou a tipificar o crime de feminicídio. Mas especialistas alertam que, fosse apenas isso, haveria uma estabilização na quantidade de casos. O que, se observa, no entanto, é um crescimento constante de vidas ceifadas pela brutalidade masculina — só na última semana, houve episódios bárbaros no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Para corroborar a gravidade da situação das mulheres, o Anuário da Segurança Pública aponta um aumento generalizado de outras formas de violência contra o gênero feminino: tentativa de feminicídio (6%); agressões decorrentes de violência doméstica (2,6%); violência psicológica (+17%); ameaças (+ 0,5%); descumprimento de medida protetiva: (+ 17%); stalking (+30%). Está claro, pois, que é preciso intensificar os esforços para combater a misoginia estrutural na sociedade brasileira, fruto de uma cultura patriarcal e machista mantida há séculos. Urge aplicar todos os dispositivos

previstos na legislação para frear a bestialidade masculina bem como adotar as medidas necessárias para combater o preconceito, a desigualdade e o pacto de silêncio que muitas vezes cerca a violência contra a mulher. Na última sexta-feira, a questão da violência de gênero ganhou uma nova frente. O presidente Lula sancionou a lei que autoriza a venda de spray de pimenta para mulheres acima de 18 anos. Entre as regras definidas para a aquisição do equipamento, chama a atenção o veto presidencial ao dispositivo que permitia a venda do spray para jovens a partir de 16 anos. No momento em que brasileiras de 16 anos podem votar e o país debate a redução da maioria penal, é questionável impedir uma adolescente de conter o avanço de um agressor. Há outros pontos que merecem uma reflexão sobre esse instrumento de autodefesa. Especialistas alertam para o risco de o spray de pimenta potencializar uma reação ainda mais violenta do criminoso. Em novembro do ano passado, Beatriz Munhos, 20 anos, morreu com um tiro na cabeça ao reagir a um assalto utilizando um spray de pimenta. Análises em segurança pública consideram o aerossol um aliado importante para a importunação sexual, mas alertam que pode ampliar o risco de mais violência quando o agressor está armado com faca ou revólver. Há, ainda, de se considerar a utilidade do spray de pimenta em um contexto de violência doméstica. A maior parte das agressões contra as mulheres ocorrem dentro de casa e são cometidas pelo companheiro ou ex-companheiro. Será preciso coletar mais informações para saber se instrumentos como aerossol serão ferramentas importantes em um ambiente de tensão familiar e privado. O que permanece incontestável é o estado de violência permanente contra a mulher no Brasil. A sociedade e o poder público têm o dever de combater essa chaga social que pune o gênero feminino, provoca tragédias e causa profundo sofrimento para milhões de famílias.



ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

Do Vaticano ao Coque: eu e a Orquestra Criança Cidadã

Fiz o caminho inverso: conheci a Orquestra Criança Cidadã (OCC) em Roma, há três anos, mais precisamente na apresentação do concerto pela paz para o papa Francisco. O emocionante espetáculo no Vaticano era apenas um prelúdio do que eu viria ver aqui em Recife, na comunidade do Coque, nos três últimos dias. Com um grupo de jornalistas, vim acompanhar o dia a dia de crianças e jovens da orquestra, que comemorou 20 anos de história, ontem, com dois espetáculos magistrais no Teatro Santo Isabel, no Recife. O público acompanhou apresentações da Orquestra Infanto-juvenil Criança Cidadã, regida pelo maestro Jadson Dias, e da Orquestra Jovem Criança Cidadã, sob a batuta do maestro venezuelano Rafael Dommar. Os concertos mostraram a evolução artística dos estudantes ao longo das diferentes etapas de formação oferecidas pela instituição. Ainda na década de 1970, eu via o Coque de longe quando passava de ônibus para o centro. Também acompanhava pelas páginas de jornal, em programas de TV, por meio da figura quase mítica de Galeguinho do Coque, condenado por vários homicídios, e depois eternizado nacionalmente na famosa frase da música *Banditismo por uma questão de classe*, de 1994, de Chico Science & Nação Zumbi: “Galeguinho do Coque não tinha medo, não tinha / Não tinha medo da Perna Cabeluda”. A Orquestra Criança Cidadã nasceu a partir da idealização do juiz João Targino, a pedido do então presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco, Nildo Neri. Targino recebeu a missão de desenvolver um projeto social para acolher a comunidade no entorno da sede do Tribunal. Era nos inícios dos anos 2000, e o Coque era a região mais violenta do estado. Por isso, as bases do projeto foram assentadas ali. Aos poucos, a música começou a mudar aquela realidade. Com as barreiras do acesso à arte rompidas, as crianças podiam entrar e vislumbrar um novo jeito de crescer, longe da criminalidade.

Depois de duas décadas, a orquestra é hoje uma grande fábrica de talentos. Muitos dos que passaram por lá são hoje musicistas reconhecidos, alguns deles em orquestras de Berlim, dos Estados Unidos e de outros lugares no exterior e no Brasil. Na celebração do aniversário, houve o lançamento oficial da Orquestra Sinfônica Infantil da OCC e a criação de um programa de aulas on-line ministradas por músicos que atuam em grandes orquestras da Europa e dos Estados Unidos. O projeto é patrocinado há 16 anos pela Caixa Econômica Federal, tem apoio do governo federal por meio da Lei Rouanet; e também no início de tudo contou com ajudas de entidades como a CNI. Mas precisa de mais para a expansão da escola que hoje atende cerca de 470 crianças e adolescentes. Um dos núcleos funciona dentro de uma área do Exército, que teve o privilégio de conhecer por dentro. O trabalho fora do palco é tão ou mais impressionante daquele que o público vê e aplaude. Nas apresentações festivas que presenciei, havia aquele ímpeto de força e juventude que acredita que pode ser muito mais do que um destino traçado pela miséria ou pelo abandono de políticas públicas. Me emocionei tanto quanto no Vaticano quando vi, brilhando no palco, o jovem pernambucano de Coque chamado Antonino Tertuliano, então integrante da Filarmônica de Israel. Aos 33 anos, o músico agora integra a Duisburg Philharmoniker, uma das importantes orquestras da região de Nordrhein-Westfalen, na Alemanha. Se existe uma coisa que amo no jornalismo, é a possibilidade de ver como tudo pode ser transformado em algo melhor. No caminho, sempre existe a arte ou o esporte por trás de uma excelente ideia e de pessoas vocacionadas e obstinadas a mantê-la, apesar de todas as dificuldades. A história de Coque e de tantas outras comunidades provam isso. Ainda vou contar mais do que vi numa matéria aqui no **Correio**. Espero que leiam e comentem sobre a Orquestra Criança Cidadã por aí. Não é só notícia ruim que deve viralizar.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Canetinhas

Restaurantes a quilo percebem um aumento de clientes como efeito do uso das canetas emagrecedoras. É nítida a mudança do perfil dos consumidores, não apenas nos restaurantes, mas também nos supermercados. As pessoas passaram a comer mais proteína, e exercitar mais e, se o empresário não se atentar a esse novo perfil, vai ficar para trás.

» **Sandra Queiroz**
Brasília

Candidaturas responsáveis

Creio que a atual campanha presidencial está se transformando em uma novela campeã de audiência. Vejo pedidos de desculpas, reconciliações públicas, apelos emocionais para conter crises domésticas e propostas de governo, planos de trabalho convincentes, nada. É claro que isso não nasceu do acaso. Para isso, existem os especialistas em marketing político que desenham o roteiro para sensibilizar o eleitor. Na minha opinião, o Brasil merece ser tratado como nação, com candidaturas responsáveis, sérias, idôneas, não como cenário de conflitos pessoais e familiares cuidadosamente ensaiados.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Spray de pimenta

Comparar a liberação do uso de spray de pimenta ao uso de armas é muito complicado. Um spray não vai matar ninguém e serve para a defesa pessoal. Infelizmente, a aprovação dessa lei mostra uma falha na segurança pública. Mas isso não é motivo para ser contra ela. Devemos cobrar do governo, independentemente de quem estiver nele, que cumpra com seus deveres, sendo um deles a segurança pública. Mas é importante entendermos as necessidades naturais e vermos se as consequências da liberação do uso do spray são tão maléficas quanto estão dizendo. Sinceramente, não acho que vá trazer mais malefícios do que benefícios.

» **Laura Bastos**
Brasília

Escolas, não presídios

Em praticamente todas as campanhas da extrema-direita, repete-se o mesmo mantra: endurecimento contra a criminalidade. Assim foi com Bukele, em El Salvador, e agora com Espriella, recém-eleito na Colômbia, que promete construir mais de 10 presídios. Mas a pergunta permanece: e a saúde? E a educação? E as políticas de geração de emprego, moradia e redução das desigualdades? Prisões podem ser necessárias, mas não substituem investimentos sociais capazes de enfrentar as causas da violência. Sem escolas de qualidade, atendimento digno à população e oportunidades reais de ascensão social, o encarceramento em massa corre o risco de tratar apenas os sintomas, enquanto os problemas estruturais continuam intocados.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Acho melhor pagar tarifa do que pagar pela corrupção no Brasil, que sai muito mais caro.

Leandro Resende — Brasília

Democracia não combina com autoritarismo, culto ao líder nem submissão política a governos estrangeiros.

Márcio Reis — Caxambu (MG)

Não bastassem as dificuldades para artistas da música viverem dela, agora golpistas da criação utilizam inteligência artificial para fraudarem o exercício da criatividade.

Mauro Evangelista — Asa Norte

Você sabe o que é foie gras? Nunca vi, nem comi, eu só ouço falar.

Abraão F. do Nascimento
— Águas Claras

Tarifaço pode afetar até 32% das exportações para os Estados Unidos. Faz isso para poder recuperar um pouco os gastos com a guerra.

Edmilson Ferreira — Brasília

Adolescente capota carro em Águas Claras. Toda hora surge um novo caso de gente que não pode estar dirigindo causando acidente aqui no DF. Cadê os pais? Estão fora de casa? Não saem dos celulares? Esqueceram-se que são responsáveis pelas crias?

Fabiana Souto — Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ WZ
Associação Nacional de Jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/
domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br